



Pedagogia musical

Toda composição tem algo a ensinar sobre música. Um dos encantos de Bach, por exemplo, é a completa associação da beleza com a reflexão. Sua arte está entrelaçada ao ensino musical desde o *Cravo bem temperado*, a bíblia do teclado, mas também em outras peças, como as sonatas para flauta, as suítes para violoncelo, etc.

Podemos afirmar, um pouco ao modo de Ezra Pound no seu *ABC da literatura*, que a qualidade de uma composição depende do quanto ela nos ensina. Isso pode valer ainda para qualquer arte. Quando começamos a nos aborrecer com o vanguardismo de Godard, por exemplo, basta lembrar o quanto aprendemos com esta esfinge, solitária no seu portal, a se indagar: o que é o cinema?

O pianista de jazz Chick Corea tem uma composição – *Humpty Dumpty*, baseada no personagem de Lewis Carrol – que me serviu de chave para a visão do lado pedagógico da composição. Há alguns arpejos nela que sugerem algo diferente sobre determinados acordes. Imaginem aquela estrutura em hélice do DNA. O eixo central é o acorde normal. Chick Corea como que passeia pelas hélices, pelos átomos do acorde. Não à toa também, Corea é um excelente pedagogo. Seus conselhos no final das *Children songs*, obra didática para piano, são uma bússola preciosa para os músicos. Falam sobretudo de coisas psicológicas, tipo procurar a satisfação, perseverar em cada idéia até o limite, refletir sobre os problemas que surgem, etc.

No Brasil tem muita gente que nos ensina música através de suas composições

No Brasil tem muita gente que nos ensina música através de suas composições: Hermeto, Edu Lobo, Tom Jobim, Milton. Os mais antigos também, a começar de Pixinguinha, uma fonte inesgotável de informação musical. Se você colocar estes cinco num currículo terá a melhor escola de música popular do mundo.

Liszt, o compositor romântico do século XIX, acreditava que uma composição deveria apresentar pelo menos um novo acorde. É um belo exagero, certamente. Ou uma simplificação. Podemos pensar em novo ritmo, nova harmonia, nova forma, nova instrumentação etc. Foi exatamente o que os compositores do século XX buscaram.

Um pouco de Nina Simone

“Só gosto dos mestres”.

“A estrutura, a pureza, o tom, as nuances, implicações, o silêncio, as dinâmicas; são apenas sons e música, e é a coisa mais perto de Deus que existe; admiro a música clássica, não toda ela, muita coisa é fria, mas Bach é um grande mestre”.

“Às vezes acho que os músicos adoram a música, mas não; uns fazem pelo dinheiro, pela glória, pra fazer um disco, etc.; espanto-me quando eles não querem ouvir alguém que sabe mais do que eles”.

“Minha voz sozinha não é grande coisa; se não fosse o piano não iria muito longe”.

“Quando era menina tocava Liszt, Rachmaninoff e Bach. No meu concerto de estréia, aos 12 anos, quiseram botar meus pais (por serem negros) na última fila; eu me levantei e protestei, oh, não, quero meus pais na primeira fila”.

“Meu deus é a música”.

(Nina Simone em DVD, no Ronnie Scott, 84)

Cena de Carnaval em Ouro Preto

A banda pôs-se a caminho no fim da tarde. No comando, Vitorino, trombonista experiente, de energética barba talibã, lenço na cabeça e vestido de mulher. Metais na frente, palhetas no meio, percussão no fim. Por último mesmo um bêbado tocador de pratos.

Primeira etapa do longo percurso: a dificultosa ladeira da Escadinha. A banda engata uma primeira, ou seja, vai de marcha-rancho: “Quanto riso, oh, quanta alegria”. Todo mundo meio calibrado mas segurando o fôlego. O bêbado animadíssimo esbanjando notas.

Terminada a subida, a banda toma a rua São José à direita e já vai para as marchas ligeiras. O bêbado empolgado segue sozinho para a esquerda, chapliniano, brandindo os pratos, sem perceber às suas costas o afastamento gradativo do cortejo.

Pixinguinha é uma fonte inesgotável de informação musical

